

## **Audiência em Movimento: a Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio (Somar)<sup>1</sup>**

Ed Wilson Ferreira ARAÚJO<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Maranhão, MA

### **Resumo**

O trabalho aborda a participação dos ouvintes nos programas jornalísticos das emissoras de rádio AM, em São Luís, Maranhão: Educadora, Mirante, Difusora, Capital, Timbira e São Luís. Na perspectiva dos Estudos Culturais, adotamos a teoria das mediações e o mapa noturno (Martín-Barbero, 2009), com ênfase na atuação da Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio (Somar). Na pesquisa empírica, tipificamos dois tipos de ouvintes: militantes e sazonais.

**Palavras-chave:** rádio; ouvinte; Somar; recepção.

### **Introdução**

No início dos anos 1990, as seis rádios AM sediadas em São Luís, capital do Maranhão, começaram a formatar um modelo de programa baseado na combinação entre jornalismo e participação dos ouvintes. Os programas com essas características ainda ocupam boa parte da grade das emissoras Educadora (560 KHz), Mirante (600 KHz), Difusora (680 KHz), Capital (1180 Hz), Timbira (1290 KHz) e São Luís (1340 KHz).

Neste trabalho, discorreremos sobre o surgimento e a consolidação da cultura participativa nos programas jornalísticos de rádio AM em São Luís, a partir de duas matrizes. A primeira visualiza o contexto político da redemocratização, que pulverizou em todo o país o sentimento de participação política. A segunda trata das mudanças no rádio AM, evidenciadas a partir da implantação das emissoras FM no Maranhão.

Objetivamos, com essa abordagem, demarcar na dimensão espaço-temporal as circunstâncias de ordem política e tecnológica que fomentaram o ativismo da audiência nos programas jornalísticos e a criação da Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio (Somar). Tomamos como principal referência teórica os Estudos Culturais (Martín-Barbero, 2009), evidenciando a força da recepção no rádio, consolidada na articulação entre a prática cultural dos ouvintes na dinâmica da produção de conteúdo nos programas jornalísticos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Rádio e TV (UFMA) e doutorando em Comunicação (PUCRS), email: edwilson\_araujo@yahoo.com.br.

Na formulação mais expressiva de Martín-Barbero (2009), a teoria das mediações e o “mapa noturno”, enfatizamos as condições de recepção para a captura do objeto de estudo. Acoplados ao eixo teórico-metodológico dos Estudos Culturais, articulam-se o conceito de cultura participativa (Jenkins, 2009), reflexões sobre retórica (Alexandre Junior, 2004) e a formulação de Brecht (1981) acerca do rádio como dupla mão de direção.

Os resultados apresentados são fruto de duas técnicas de coleta de dados: o diário de escuta (monitoramento dos programas) e entrevista semi-estruturada com 15 ouvintes, tipificados em militantes e sazonais.

### **A Gênese da Audiência Participativa no Rádio AM**

Dois fatores concorreram para desencadear o ativismo da audiência de rádio AM, em São Luís: a repercussão do processo de redemocratização nos anos 1980 e a implantação das emissoras FM na capital maranhense, consolidando-se na década de 1990 (PELLEGRINI, 2015).

No recorte político, as mobilizações populares em defesa das eleições diretas para presidente da República, no início dos anos de 1980, revitalizaram a cultura democrática no Brasil, buscando a superação da ditadura militar e da censura. Ainda no período da transição para a fase democrática, a Assembleia Nacional Constituinte e a Carta Magna de 1988 produziram alguns avanços nos aspectos relacionados à liberdade de expressão e manifestação do pensamento. Entre outros dispositivos, o artigo 220 do capítulo V da Constituição Federal<sup>3</sup> contemplou anseios e reivindicações das mobilizações populares no quesito mais delicado de superação da fase ditatorial – a liberdade. Em 1989, a disputa eleitoral em torno das candidaturas de Lula (PT) e Collor (PMN) impulsionou os temas motivadores dos direitos civis deflagrados na campanha pelas Diretas Já.

Embora a Constituição de 1988 tenha registrado avanços nas formulações gerais sobre liberdade de expressão e manifestação do pensamento, deixou em aberto o marco regulatório das comunicações e acentuou a concentração das emissoras de rádio e televisão sob a propriedade de grupos político-empresariais (LIMA, 2001).

Este cenário nacional refletiu-se em todo o país. No Maranhão, os anos 90 consolidaram um campo político formado por vários segmentos partidários, entidades

---

<sup>3</sup> Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 30 jun. 2015, 20:50:33.

sindicais e dos movimentos sociais identificados com as causas democráticas e populares, em oposição à força hegemônica do grupo liderado por José Sarney, personagem local influente na política brasileira e fundamental para o entendimento da configuração contemporânea dos meios de comunicação no Brasil. José Sarney foi protagonista da distribuição de concessões para ampliar o seu mandato presidencial para cinco anos, tornando-se o exemplo mais significativo da prática do monopólio midiático e do coronelismo eletrônico. (MOTTER, 1994)

No contexto de redemocratização motivado pelo processo eleitoral de 1989, as pulsações por direitos, liberdade e cidadania tonificaram a pauta política e transbordaram para os meios de comunicação. A nucleação de um campo político de inspiração democrática e popular no Maranhão teve vinculação direta ou indireta com os segmentos da chamada ala progressista da Igreja Católica, cujos pressupostos aglutinavam a simpatia de pessoas e legendas identificados com a posição ideológica de esquerda.

Essas pulsações das ruas foram capturadas pela rádio Educadora AM (560 KHz), sob administração da Arquidiocese de São Luís, emissora pioneira na formatação de programas jornalísticos abertos à participação dos ouvintes. A partir dos anos 1990, embalados pela reconfiguração do espectro político que recuperava as bandeiras democráticas e participativas, um grupo de profissionais dessa rádio iniciou a cobertura das casas legislativas, colocou um repórter fazendo transmissões de vários pontos da cidade e abriu a emissora à participação dos ouvintes. Esse programa inaugural, denominado “Roda Viva”, teve como âncora o jornalista Roberto Fernandes da Silva, conforme entrevista concedida ao autor desse trabalho:

Iniciamos com um repórter na Assembleia Legislativa, outro na Câmara Municipal e um repórter cheio de fichas de orelhão, que era o Betinho, girando pelo centro da cidade, ligando do orelhão e dando notícia como se fosse uma unidade móvel. Era uma emissora católica, com poucos recursos. Foi assim que a gente começou. Daí pra frente, com o debate político, a participação dos ouvintes debatendo os assuntos não nos permitiu mais colocar música. Então, iniciou esse modelo de programa que nós estamos vendo até hoje. Depois veio a rádio Mirante AM, também pela manhã, com Geraldo Castro, e assim as outras emissoras seguiram. (SILVA, 2015, p.2)

A participação dos ouvintes foi motivada ainda pela oportunidade de dialogar com os gestores e parlamentares convidados para entrevistas no programa. Uma das táticas utilizadas pela produção do “Roda Viva” para estimular a participação da audiência foi o recurso da enquete. Os apresentadores disponibilizavam um tema polêmico e a audiência

telefonava para se posicionar sobre o assunto colocado em pauta. Havia também enquetes para mensurar a tendência da audiência sobre candidaturas aos cargos eletivos:

Passamos um tempo enorme sem poder falar, sem dar opinião. Então você tem uma emissora de rádio que abre para você discutir política, falar, contestar esse ou aquele governo, dizer isso ou aquilo outro, sem medo. É claro que no começo tinha muita gente que de alguma forma dava o nome que não era o dele. Fizemos de tal forma que a gente não tinha medo da opinião que estava sendo colocada ali porque eram opiniões responsáveis e não deixávamos que as agressões pessoais acontecessem. E foram poucos os momentos em que a gente teve um deslize da participação do ouvinte. No mais foram participações interessantes e daí o próprio momento político ajudou esse crescimento da participação do ouvinte e do rádio na busca dessa nova audiência. (SILVA, 2015, p. 7)

O padrão criado pela Educadora passou a ser referência para as outras emissoras que adotaram a participação dos ouvintes nos programas jornalísticos. Assim, o impulso e a motivação da audiência participativa foram resultado da convergência de dois fatores: o ambiente de reabertura política no país e a busca da sobrevivência no rádio AM, ameaçado pela competitividade das emissoras FM.

As inovações no rádio AM, introduzindo os programas jornalísticos com a participação dos ouvintes, tiveram outras influências além do contexto político que motivou a cultura participativa. Os anos 1990 no Maranhão representaram a consolidação das emissoras FM. Estas, dotadas de melhor qualidade de som, tornaram-se atrativas à audiência, aos anunciantes e proprietários, ficando mais rentáveis e viáveis do ponto de vista empresarial (PELLEGRINI, 2015).

Nesse contexto de disparidade tecnológica, as rádios AM foram perdendo o interesse comercial e o apetite gerencial dos seus proprietários. Tiveram drásticas reduções no quadro de pessoal, a programação ficou restrita à música, sem apresentadores ou qualquer tipo de locução. As emissoras foram mantidas apenas para assegurar as concessões, mas relegadas à inexpressiva condição de vitrolão, termo utilizado para caracterizar as rádios que não têm programas, apenas executam música. (ORTRIWANO, 1985)

Diante desse cenário de esvaziamento, a programação das AM buscou o jornalismo e a participação dos ouvintes como novas plataformas de revitalização e competitividade no cenário do rádio. A saída para a crise passou pela realização de um seminário, organizado curso de Comunicação Social da UFMA, com a participação de radialistas egressos e já atuantes no mercado. Os jornalistas Roberto Fernandes e Robson Junior tomaram a iniciativa de dialogar com a Universidade, visando encontrar caminhos para o rádio,

refletindo sobre a longa crise das emissoras AM que percorreu os anos 1980. O evento serviu para fazer um diagnóstico e apontar diretrizes diante do novo panorama radiofônico.

Por conta de um seminário puxado pelo Departamento de Comunicação da UFMA iniciamos, através da rádio Educadora, o chamado jornalismo comunitário, que é o que se vê hoje em praticamente todas as emissoras de rádio daqui. [...] o Robson Junior articulou tudo isso e o próprio departamento chamou o debate com vários radialistas antigos e os novos que estavam surgindo, discutindo o FM, o AM e foi defendida por mim como alternativa na época para o rádio AM o jornalismo comunitário. (SILVA, 2015, p. 5)

A denominação jornalismo comunitário contempla necessariamente a participação da audiência como elemento fundamental para entender a produção de conteúdo a partir da inserção dos ouvintes ao longo dos programas. Assim, o ativismo da audiência passou a compor o leque de interesses da produção e ingressou na concepção dos programas de rádio AM, em São Luís. Essa concepção foi incorporada pelos dois profissionais que conceberam o “Roda Viva” juntamente com Roberto Fernandes e compuseram a equipe da rádio Educadora: o diretor de Jornalismo Zeca Soares e o diretor de Arte Robson Junior. O sentido de comunitário sustenta-se na prática da audiência de repercutir no rádio o cotidiano da cidade. Diariamente, nas seis emissoras AM<sup>4</sup>, os programas jornalísticos são abertos à participação dos ouvintes, através da fala ao vivo por telefone ou utilizando os aplicativos de aparelho celular para o envio de mensagens de texto e de voz, fotografias e até pequenos vídeos.

Os temas abordados pelos ouvintes são variados, mas no geral evidenciam o funcionamento dos serviços públicos e aquilo que está diretamente relacionado ao dia a dia dos bairros: as condições do transporte público e a mobilidade urbana, as constantes reclamações sobre a pavimentação precária das ruas e avenidas da cidade, o transbordamento de esgotos, a falta de iluminação pública, a violência, a estrutura dos prédios onde funcionam as escolas, a coleta de lixo, a situação dos hospitais e postos de saúde. Os ouvintes também telefonam para falar sobre a vida política da cidade, as decisões tomadas na Câmara dos Vereadores ou na Assembleia Legislativa, a atuação do prefeito e do governador, do secretariado municipal ou estadual e da gestão dos órgãos públicos municipais, estaduais e federais. Os desdobramentos da conjuntura nacional também entram

---

<sup>4</sup>A rádio Timbira, criada em 1941, passou por várias administrações com diferentes posicionamentos sobre a audiência. Durante o último governo Roseana Sarney (2010 a 2014) a participação dos ouvintes foi suspensa. No governo Flávio Dino, iniciado em 2015, os ouvintes voltaram a falar ao vivo nos programas.

na pauta dos ouvintes. Através do diário de escuta, detectamos que os temas palpitantes geralmente envolvem política e, em segundo plano, futebol.

### **A Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio (Somar)**

O formato construído pela rádio Educadora serviu de referência às outras emissoras, com algumas variações, decorrentes das diferenças de estrutura, equipamentos, unidades móveis e equipe de profissionais em cada rádio. No geral, distinguem-se dois tipos de programas jornalísticos com a participação dos ouvintes: 1) constituídos pelo apresentador e repórteres nas unidades móveis; 2) conduzidos apenas pelo apresentador e operador de som ou telefonista. Em ambos, a participação da audiência é constante.

Os programas são permanentemente monitorados pelas assessorias de comunicação da maioria dos gabinetes parlamentares, secretarias municipais e estaduais, órgãos do Judiciário e do Ministério Público e entidades dos movimentos sociais. No diálogo entre apresentadores, repórteres, fontes e ouvintes, os programas jornalísticos atuam como caixa de ressonância da cidade, captando as pulsações, os movimentos, anseios, as vontades e frustrações dos diferentes atores sociais. Gera-se, portanto, uma teia comunicativa que vai do estúdio às ruas, passando pelos ouvintes e retornando ao apresentador, tecendo uma rede dialógica por meio das ondas do rádio.

Com o tempo, a audiência que comumente telefonava para as emissoras passou a formar uma rede mais consistente e organizada. A proposta de criar uma entidade representativa da audiência de rádio AM está registrada na ata de criação da SOA (Sociedade dos Ouvintes da AM), em 9 de dezembro de 2000, fruto da iniciativa de um grupo de pessoas de variadas classes sociais e diferentes profissões, cujo hábito comum era ouvir rádio, especialmente os programas jornalísticos de AM.

Os primeiros contatos para a criação de uma entidade surgiram ao vivo, durante um programa de rádio, em 1999, por sugestão do ouvinte Arthur Henrique Bezerra de Oliveira, que apresentou a proposta e deixou o telefone dele no ar para que outros ouvintes entrassem em contato. A sugestão de Oliveira instigou o ouvinte João Carlos da Silva Gomes, já bastante motivado para conhecer pessoalmente as pessoas que participavam constantemente dos programas. Em entrevista ao autor desse trabalho, João Carlos da Silva Gomes explicou como aconteceram os primeiros contatos para criar a associação.

Eu anotei o telefone do Arthur Oliveira e bati o papo com ele sobre esta ideia, esta proposta da gente criar uma organização pra gente se conhecer. Ele achou interessante, inclusive deu o nome que foi SOA (Sociedade dos Ouvintes AM) e daí no mês de dezembro de 2000 nós fizemos a primeira reunião ali no colégio Seleção. Tivemos inclusive a participação ilustre do radialista Carlos Alberto Lima Coelho. A gente considera ele como patrono que também foi um dos fundadores que começou esta arrancada dos ouvintes. Então, basicamente é isto, a necessidade da gente se conhecer e daí pensar o que poderia fazer para que o rádio pudesse ser aquilo que a gente espera que ele seja. (GOMES, 2013, p. 2).

A proposta de estatuto, por sua vez, designa Sociedade dos Ouvintes de Rádio AM (SOAM). Posteriormente, segundo João Carlos da Silva Gomes, houve consenso para denominá-la com o nome de fantasia Somar (Sociedade dos Ouvintes Maranhenses de Rádio). Conforme o Artigo 2º da proposta de estatuto, a entidade tem por finalidades: a) Estabelecer o entrelaçamento entre os ouvintes da Rádio AM; b) Estimular os mesmos a apontar problemas de ordem sócio-cultural, políticos e econômicos da sociedade em geral; c) Incentivar a comunidade a participar dos programas por telefone ou pessoalmente, debatendo e propondo soluções junto as autoridades competentes, visando assim, o exercício pleno da cidadania. Outro registro diz respeito ao posicionamento da entidade no contexto político e religioso. De acordo com a proposição estatutária, no Artigo 3º, a sociedade dos ouvintes da AM é desvinculada das seguintes questões: 1. Político-partidária; 2. Questões pessoais; 3. Políticas assistencialistas; 3.1. Auxílios e subvenções; 3.2. Patrocínio de qualquer tipo de programa e/ou eventos; 4. Questões religiosas.

Embora esteja sistematizada em ata e no esboço do estatuto, a Somar não foi oficializada em cartório; ou seja, a entidade não está formalmente legalizada. Também não há sede própria. Esses procedimentos burocráticos, bem como o funcionamento diário da entidade, colocam a Somar na informalidade. O funcionamento prático da Somar ocorre no dia-a-dia dos programas, através da expressiva participação dos ouvintes em todas as emissoras e na comunicação *em off* entre os integrantes da audiência. Frágil do ponto de vista burocrático-administrativo, a organização é consistente na perspectiva de uma rede ativa de mobilização nas ondas do rádio. Os objetivos da criação da Somar foram percebidos de forma distinta pelos seus idealizadores, conforme registrou o ouvinte Arthur Henrique Bezerra de Oliveira, em entrevista para o autor desse trabalho:

A gente só se conhecia de voz. E na minha opinião essa seria a maior motivação: conhecer os ouvintes pessoalmente e principalmente terem uma integração, se encontrarem, saírem para comer um churrasquinho, participar de um aniversário, ter aquele encontro. Só que o João Carlos tinha um pensamento mais profundo em relação a isso, tanto que ele faz de vez em quando esses encontros, trazendo pessoas

de fora para palestrarem. O meu sentido foi mais no sentido social. E no caso dele foi mais no sentido político, mas um político na melhor acepção do termo, não em termos de politicagem [...] mostrando até para os próprios locutores da importância do ouvinte, porque eu repito, realmente os ouvintes fazem, muitas vezes fazem a pauta. Os ouvintes têm uma participação imensa. Por isso a importância dessa coisa inédita chamada Somar. (OLIVEIRA, 2013, p. 4)

Mesmo sem a institucionalidade oficializada, a Somar articulou junto à Assembleia Legislativa a criação do Dia Estadual do Ouvinte de Rádio<sup>5</sup>, instituído em 21 de setembro, mediante o Projeto de Lei nº 193/08, de autoria do deputado Pavão Filho (PDT). Segundo o projeto, no Dia Estadual do Ouvinte de Rádio deve ser celebrado pelo poder público, através da Secretaria de Estado de Comunicação Social, em parceria com entidades representativas da categoria, promovendo debates, fóruns, seminários, entre outras atividades, visando evidenciar o trabalho dos atores que fazem o rádio no Maranhão: empresas e ouvintes.

Em alguns aspectos, a Somar funciona segundo princípios do ativismo das redes sociais nas plataformas digitais. Apesar de ter uma pessoa de referência, o presidente, a organização dos ouvintes não obedece a uma hierarquia ou quaisquer decisões de fóruns deliberativos. As reuniões da entidade são esporádicas e não têm encaminhamentos práticos para uma ação conjunta no cotidiano. A horizontalidade é uma característica materializada na ação direta e autônoma dos ouvintes, sem interferência da direção. No entendimento de João Carlos da Silva Gomes:

A entidade não é a base de sustentação para argumentação de qualquer pessoa, até porque dentro do movimento da Somar a gente prima pela liberdade de expressão. Cada ouvinte é livre para expressar aquilo que ele acha conveniente” (GOMES, 2013, p. 8).

O presidente da Somar descartou a utilização de ações combinadas entre os ouvintes para direcionar a audiência a um programa e pautá-lo com um objetivo pré-definido; mas, ao mesmo tempo, evidenciou a comunicação paralela entre os ouvintes, *em off* (por telefone), para orientar a participação nos programas. “Então não há uma combinação, há troca de informações. A gente liga pra um ouvinte e diz: ‘olha tão falando isto de ti, fulano

---

<sup>5</sup> Diário da Assembleia, ano XXXVI, nº 134, São Luís, 28 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.al.ma.leg.br/arquivo/diario/diario28-10-08.pdf>>



de tal falou isto, acho que é bom tu voltar lá’, isto é uma preocupação” (GOMES, 2013, p. 6).

Os temas das reuniões da Somar são variados. Geralmente a entidade convida um palestrante para expor sobre o assunto escolhido e em seguida os participantes intervêm. João Carlos da Silva Gomes citou como relevante a mobilização dos ouvintes no rádio para motivar a audiência a apoiar o Projeto de Lei de Iniciativa Popular de Combate à Corrupção Eleitoral e Administrativa, o “Ficha Limpa”.

Embora os programas jornalísticos de rádio AM sejam demarcados por uma forte agenda político-partidária, visto que diariamente a audiência comenta e opina sobre a atuação dos gestores e dos detentores de mandatos parlamentares, a Somar não se manifestou oficialmente nos períodos eleitorais sobre candidaturas, não publicou notas de apoio, nem de solidariedade ou moções de repúdio quando houve fatos polêmicos envolvendo as gestões e atos públicos dos prefeitos ou governadores. Porém, os integrantes da Somar, individualmente, publicizam suas opiniões diariamente nos programas de rádio, aderindo ou refutando posições dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário ou dos temas gerais pautados nas emissoras.

### **A Sintonia dos Estudos Culturais**

A atividade dos ouvintes de rádio AM requer uma abordagem ancorada nas investigações que visualizem as imbricações entre cultura, comunicação e política. Nessa visada, os Estudos Culturais compõem uma construção teórica que articula o diálogo entre as práticas culturais e os meios de comunicação, no contexto das complexidades e contradições da sociedade contemporânea. Os autores culturalistas buscam entender a recepção na totalidade do processo comunicativo, procurando deslocar o foco da mensagem para a relação entre produção, circulação e consumo dos bens simbólicos, enfatizando o papel da recepção na troca comunicativa. (ESCOSTEGUY, 2005)

No viés latino-americano dos Estudos Culturais, a teoria das mediações formulada por Martín-Barbero (2009) disponibiliza o instrumental teórico e metodológico para investigar o ativismo dos ouvintes nos programas jornalísticos. Na sua formulação, o autor propôs o “mapa noturno” composto dos momentos: matrizes culturais, lógicas de produção, formatos industriais e as competências de recepção; e das mediações: institucionalidade, tecnicidade, ritualidade e socialidade. (MARTÍN-BARBERO, 2009)

Para o interesse do presente trabalho, na aplicação do “mapa noturno” importa o foco na recepção, buscando compreender como se dá a articulação entre as lógicas de produção (apresentadores) em diálogo com os ouvintes. Nas competências da recepção, evidenciamos a percepção dos ouvintes sobre a Somar e como a atividade da audiência interfere na produção de conteúdo dos programas.

Os programas jornalísticos das emissoras de rádio AM compõem tribunas informais do cotidiano urbano. Também constituem câmaras legislativas não oficiais, lugares de debate e formulação de propostas sobre a cidade. O cotidiano é a tônica da palavra dita, e ouvida, no rádio. O exercício da oralidade mediatizada, a fala ao vivo como principal recurso participativo, remete necessariamente à retórica como exercício de poder e saber da vida prática. Os ouvintes, ao participarem dos programas para dialogar e debater sobre a cidade, evidenciam a utilização do rádio reconfigurado no sentido da tribuna eletrônica. Se na Grécia os debates sobre a cidade davam-se na praça pública, na contemporaneidade o rádio AM é o espaço-tempo onde as pulsações do cotidiano são operacionalizadas no campo midiático.

Muito antes de haver rádio, televisão, cinema, computadores ou mesmo a imprensa, as pessoas dependiam do canto, da dança, dos jogos e dos discursos para se entreterem e informarem. [...] A oralidade foi, de facto, indispensável ao nascimento da retórica, pois foi nela que germinaram e se configuraram os padrões de construção, expressão e expressividade oratória que vieram a marcar a diferença nas convenções da retórica clássica. (ALEXANDRE JUNIOR, 2004, p. 2)

O ativismo dos ouvintes encontra substância teórica nas formulações de Brecht (1981) acerca da importância do rádio na constituição das relações políticas e culturais, utilizando uma plataforma eletrônica de comunicação. O autor partia do princípio de que o rádio, instalado nas residências, poderia proporcionar mecanismos de transmissão e recepção capazes de formar uma espécie de *ágora* eletrônica, na qual as pessoas pudessem ser consultadas, opinar sobre os temas e tomar decisões no âmbito da administração de uma cidade, por exemplo, através de assembleias permanentes transmitidas pelo rádio.

Y para ser ahora positivos, es decir, para descubrir lo positivo de la radiodifusión, una propuesta para cambiar el funcionamiento de la radio: hay que transformar la radio, convertirla de aparato de distribución en aparato de comunicación. La radio sería el más fabuloso aparato de comunicación imaginable de la vida pública, un sistema de canalización fantástico, es decir, lo sería si pudiera no solamente transmitir, sino también recibir, por tanto, no solamente hacer oír al radio-escucha, sino también hacerle hablar, y no aislarle, sino ponerse en comunicación con él. La radiodifusión debería en consecuencia apartarse de quienes la abastecen y constituir a los radioyentes en abastecedores. Por ende, todos los esfuerzos de la radiodifusión

en conferir realmente a los asuntos públicos el carácter de cosa pública son absolutamente positivos. (BRECHT, 1981, p. 56)

A formulação do autor atualiza o ativismo da audiência nos programas jornalísticos, palco de diálogo sobre a cidade, fomentado pelas intervenções dos ouvintes dos mais variados bairros de São Luís. Ao intervirem nos programas, eles disponibilizam suas insatisfações, reivindicações, sugestões e protestos, cobram as autoridades, denunciam as falhas na gestão pública, propõem alternativas para a solução dos problemas e contribuem para instituir uma cultura participativa no contexto da cidade. Os ouvintes remetem suas participações aos temas e ações que dizem respeito ao cotidiano vivido pelos moradores. Na ausência dos mecanismos formais de debate e decisões sobre a cidade, o rádio é o fórum dos ouvintes, evidenciando a força da audiência em diálogo com os apresentadores.

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações de mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros. (JENKINS, 2008, p. 30)

Nesse sentido, a fala dos ouvintes compreende uma prática política no contexto da cultura participativa, enfatizando ainda as apropriações individuais ou grupais dos bens simbólicos no contexto dos processos de comunicação. O ativismo dos ouvintes consolida a relação entre o rádio e a cidade, através de uma rede costurada por informações, opiniões, análises, interpretações, reivindicações, demandas e propostas dos ouvintes. Diante da ausência de um contato direto com os gestores públicos, parlamentares e dirigentes de instituições que administram a cidade, os ouvintes fazem do rádio sua plataforma participativa. As imperfeições da política vivida face a face entre os legisladores e gestores com os moradores da cidade são ajustadas no rádio transformado em tribuna coletiva – a *agora* eletrônica, tomando de empréstimo o *insight* de Brecht.

### **A audiência nas rádios AM de São Luís**

Na perspectiva de capturar as impressões dos ouvintes sobre a Somar e acerca das suas vivências participativas, utilizamos duas técnicas de obtenção de informações: o diário

de escuta e a entrevista semi-estruturada com 15 ouvintes, identificados por nomes bíblicos. Os resultados obtidos revelaram algumas singularidades para a interpretação do ativismo da audiência. Uma delas foi a tipificação dos ouvintes pela frequência com que participam dos programas. Assim, destacamos dois tipos: os militantes e os sazonais. Os primeiros foram caracterizados pela participação constante na maioria dos programas, em diferentes horários, sempre falando ao vivo. Os segundos telefonavam raramente, embora fossem ouvintes assíduos, mas preferiam participar através de mensagens de texto, utilizando aplicativo de aparelho celular.

Todos os ouvintes afirmaram conhecer a Somar, reconhecendo a importância de uma entidade que congregasse a audiência dos programas de rádio AM; porém, houve avaliações diferentes sobre o desempenho da entidade. A relação com a Somar evidenciou afeto e também cobrança. André afirmou que gostaria de ter a carteirinha de associado da entidade, porque considerava a Somar “sua segunda família”.

Os entrevistados demonstraram também ter conhecimento sobre as vinculações político-partidárias dos proprietários das rádios e dos mecanismos de controle da participação, inclusive a censura. Diante desse quadro, Jesus disse que a Somar precisava ter ações mais ousadas, agindo em defesa dos ouvintes cerceados.

Era um projeto que eu até achava interessante. Eu penso que essa organização, ao existir, ela poderia dar um assessoramento jurídico aos ouvintes que viessem a ter o seu direito de fala cerceado. A gente carece. Eu mesmo pensei [...] em ir ao Ministério Público, exigir meus direitos. Por que eu sou um ouvinte diferente de A, B ou C? Por causa da minha opinião? Eu não faço xingamentos, não ofendo, porque que eu sou proibido de expressar minha opinião?

Ao telefonarem para as emissoras, os ouvintes anunciavam o nome, seguido do bairro de moradia. A localização espacial é uma das marcas na relação entre o ouvinte e a cidade, revelando também os traços identitários do indivíduo. Ele é um cidadão, falante, tem endereço fixo e coloca-se na condição de pertencimento à vida urbana. Os vínculos espaciais e sonoros traduziram o afeto, a visibilidade e o reconhecimento proporcionados pelo ativismo no rádio, conforme revelou Paulo.

Pra mim a Somar foi muito importante porque a gente se conheceu, a gente se reunia nos sábados à tarde, em torno de 15 ou 20 pessoas. E foi bom que teve esse elo. E tem outros que nunca apareceram, mas quando falam no nosso nome somos reconhecidos. Inclusive a gente encontra taxistas que ouvem rádio AM demais e conhecem a gente quando nosso nome é citado. “Você que é o [...], prazer, eu sempre escuto você no rádio.” Não só os taxistas mas outros trabalhadores também. A Somar fez esse elo. Quando a gente fala o nosso nome a gente vê que a pessoa

liga a gente à entidade, tanto para as pessoas que participam quanto para as outras que nunca participaram.

As formas de participação variavam, de acordo com as intencionalidades e qualificativos dos ouvintes. Eles disponibilizavam nas suas intervenções diferentes tipos de participação, cujo teor podia ser: informativo, reivindicatório, analítico, denunciatório, colaborativo etc. Miguel demonstrou especial preocupação com a qualidade da participação dos ouvintes, destacando a importância do rádio na formação e na educação da audiência:

A Somar é uma instituição que eu prezo muito. Agora recentemente não temos reunido mas reunia com muita frequência para discutir a pertinência do ouvinte, o que é o ouvinte, que tipo de comportamento ele pode adotar para usar bem as estações porque cada um tem seu perfil, mas usar bem esse veículo porque ele é absolutamente necessário para a gente melhorar nosso nível de chegada em relação à cidadania num estado como o nosso em que o analfabetismo é muito grande, em que a desfaçatez é uma tônica. [...] A gente luta por isso e aí precisa de veículos como o rádio para continuar expandindo essas ideias. Lá na Somar a gente tenta cultivar isso, fazer com que o colega, o ouvinte use bem o rádio para que a gente possa atingir esses objetivos.

A pesquisa de campo também apontou mais duas características relevantes. A maioria dos ouvintes é homem, entre 38 e 66 anos, embora o diário de escuta tenha observado, a partir de 2015, algumas vozes femininas telefonando para os programas, mas ainda em quantidade muito inferior à participação masculina. Nesse gênero, destacavam-se ainda distintas preferências ideológicas. Do total de 15 entrevistados, apenas três tinham vinculações com partidos políticos e entidades afins dos movimentos sociais. Os entrevistados também mostraram algumas disparidades. Havia ouvinte defensor da ditadura militar, inclusive manifestando esse pensamento nas suas participações ao vivo, bem como engajados militantes socialistas. Quanto aos locais de moradia, estavam distribuídos em diferentes bairros: periferia, classe média e área nobre. A formação escolar também variou: de professor universitário até operários e pequenos comerciantes. Dois ouvintes eram cegos.

As preferências políticas distintas davam o tom da diversidade retórica nas participações. Os ouvintes oscilavam entre concordâncias e atritos com os apresentadores e entre os próprios integrantes da audiência que se manifestavam ao longo dos programas, fazendo remissões às falas anteriores. Nesse leque de possibilidades argumentativas, o rádio incorporava o sentido da praça pública, onde as vozes se alternavam, manifestando diferentes formas de ver e ouvir a cidade.

## Considerações Finais

Em que pese a abertura dos microfones do rádio AM à participação da audiência, a permissão à fala dos ouvintes ocorreu sob circunstâncias que restringiram a liberdade de opinião e a ampla manifestação do pensamento. No resumo do controle acionário das rádios, percebemos a mão visível dos grupos político-empresariais. As duas maiores, Mirante e Difusora, respectivamente, estão sob o controle das famílias do ex-presidente da República José Sarney e do senador e ex-ministro das Minas e Energia Edison Lobão, ambos do PMDB. A rádio Capital é de propriedade do senador Roberto Rocha (PSB).

Esse controle acionário influencia as lógicas de produção de conteúdo jornalístico, principalmente nos períodos pré-eleitorais, quando os programas ganham efervescência com a participação aguerrida dos ouvintes, ressalvado o tempo de vigência das campanhas, submetidas às restrições da Justiça Eleitoral.

A propriedade das emissoras interfere na participação da audiência. No entanto, os ouvintes mobilizam-se no *dial* para exercer o direito à informação e opinião no jogo de poder delimitado pelo controle das emissoras e suas vinculações políticas e empresariais. Nesse contexto, a produção e o consumo dos programas jornalísticos refletem o tensionamento das forças políticas e culturais no ambiente radiofônico.

O horizonte da utopia de Brecht (1981) estende-se à fronteira discursiva da produção e da recepção. Nesse território, adubado pelas múltiplas falas dos apresentadores, repórteres e fontes, a retórica dos ouvintes adensa a pluralidade de informações, opiniões, análises e interpretações que compõem a teia jornalística dos programas de rádio.

Portanto, a cultura participativa no meio radiofônico de São Luís emerge para reafirmar vários pressupostos teóricos sobre o ativismo das audiências. A ação dos ouvintes foi construída no espectro das pulsações democráticas presentes nas ruas, capturada pelo rádio e devolvida à audiência. Os ouvintes, sujeitos de uma prática cultural, são fundamentais na produção de conteúdo.

O estudo evidenciou ainda os programas jornalísticos como plataforma de debate sobre a cidade. O cotidiano dos bairros, as condições de vida dos moradores e o funcionamento da vida urbana repercutem nos programas jornalísticos através da participação da audiência, inserindo a realidade vivida pela população na pauta das emissoras e no discurso dos apresentadores e repórteres, elaborando uma construção coletiva sobre a cidade.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE JUNIOR, Manuel. **A retórica**: um saber interdisciplinar. Universidade Nova de Lisboa, 2004. Disponível em: <[http://malexandre.no.sapo.pt/Docs/AlexandreJunior\\_2004a.pdf](http://malexandre.no.sapo.pt/Docs/AlexandreJunior_2004a.pdf)>

BRECHT, Bertolt. Teoria de la radio (1927-1932). In: BASSETS, Lluís (ed.). **De las ondas rojas a las radios libres**. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.

GOMES, João Carlos Silva. **João Carlos Silva Gomes**: depoimento [out. 2013]. Entrevistador: Ed Wilson Ferreira Araújo. São Luís, 2013. áudio digital. Entrevista concedida à pesquisa de doutorado O Rádio Tece a Cidade (UFMA/PUCRS).

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA, Venício A. de. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MARANINI, Nicolau. As transformações do AM: perspectiva da programação frente à concorrência do FM. In: MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia R. **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MOTTER, Paulino. O uso político das concessões das emissoras de rádio e televisão no governo Sarney. **Comunicação & Política**, vol. 1, nº 1, ns, agosto/novembro, 1994b, p. 89-115.

OLIVEIRA, Arthur Henrique Bezerra de. **Arthur Henrique Bezerra de Oliveira**: depoimento [nov. 2013]. Entrevistador: Ed Wilson Ferreira Araújo. São Luís, 2013. áudio digital. Entrevista concedida à pesquisa de doutorado O Rádio Tece a Cidade (UFMA/PUCRS).

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PELLEGRINI, Paulo. As rádios FM de São Luís no cenário de desmaterialização da música. **Cambiassu**, São Luís, v.15, n.16, janeiro/junho 2015. p. 77 a 93.

SILVA, Roberto Fernandes da. **Roberto Fernandes da Silva**: depoimento [mai. 2015]. Entrevistador: Ed Wilson Ferreira Araújo. São Luís, 2015. áudio digital. Entrevista concedida à pesquisa de doutorado O Rádio Tece a Cidade (UFMA/PUCRS).

**Sociedade dos Ouvintes da AM**. Ata de fundação. 9 dez. 2000.